

Cena I

TESEU, HIPÓLITA E SÉQUITO

TESEU — Querida noiva, que feliz eu estou por nos irmos casar tão brevemente.

HIPÓLITA — Mais feliz do que eu não estais, meu Duque.

TESEU — Quem diria, Rainha das Guerreiras, que entre nós dois a guerra cessaria tendo este bom final por solução.

HIPÓLITA — É certo. Vós e eu, chefes os dois de dois países em combate intenso. E eis-nos ambos ao amor rendidos.

TESEU — Atrás de vós andei com minha espada e com meu coração vos sigo agora.

HIPÓLITA — Que passe a noite de hoje bem depressa, que a lua ajude o tempo a avançar.

TESEU — E que a minha cidade, a bela Atenas,
prepare as festas para as nossas bodas
com um entusiasmo igual ao nosso.
Que haja alegria e riso em toda a parte!

Entram EGEU com a sua filha HÉRMIAS, e LISANDRO e DEMÉTRIO.

EGEU — Duque de Atenas, paz. Eu te saúdo.

TESEU — Graças, Egeu. O que te traz aqui?

EGEU — A maior das vergonhas. Minha filha.
É dela que me venho a vós queixar.
Chega à frente, Demétrio. Este, senhor,
tem a minha palavra de que pode
casar com ela. E este, anda, Lisandro,
atirou-lhe o feitiço do amor.
Sim, sim, rapaz, não negues que lhe deste
poemas e prendinhas; que cantaste
em noite de luar sob a janela
do seu quarto suaves melodias
de forma que o juízo lhe faltou
e no seu coração a obediência
deu lugar à mais feia rebeldia.
De maneira, Senhor, que se ela teima
em não me obedecer, venho pedir
que apliques nela a lei desta cidade:
a filha, por direito, me pertence
e eu faço com ela o que quiser.
Se não casar com quem eu determino,
por essa lei à morte é condenada.

TESEU — HérmiAS, menina, que me dizes tu?
Olha que um pai é como um deus aqui.

Foi ele quem te fez, como um oleiro
faz do barro uma taça. Assim também
te pode ele destruir quando quiser.
Demétrio é em tudo um cavalheiro.

HÉRMIA — E Lisandro também.

TESEU — Não digo não.
Mas devo ouvir o que me diz teu pai.
Para ele, Lisandro é bem pior.

HÉRMIA — Só queria que ele o visse com meus olhos.

TESEU — Tenta tu vê-lo com os do teu pai.

HÉRMIA — Perdoai, Senhor Duque, o atrevimento.
Não sei o que me torna corajosa.
Mas podeis por bondade esclarecer-me
sobre o que me acontece se eu teimar
em não me querer casar com aquele homem?

TESEU — Pelas leis desta terra, ou morrerás
ou deves dar entrada num convento.

HÉRMIA — Seja então o que for. Não casarei.

TESEU — Pensa bem, filha, não te precipites.
Tens até de manhã para ponderar.
Ou casas com Demétrio, ou morres, ou
fechada num convento te acharás.

DEMÉTRIO — Muda as tuas ideias, minha querida.
E tu, Lisandro, rende-te ao direito.

LISANDRO — Se o pai gosta de ti, meu bom Demétrio, ele que case contigo e dê-me a filha.

EGEU — Goza à tua vontade. A filha é minha e vou dá-la a quem bem me apetecer.

LISANDRO — Ó Duque, eu sou tão rico quanto ele e quanto ele bem-nascido sou. Ou talvez mesmo mais. Mas o que conta é que Hércia me ama, a mim. Este rapaz andou a cortejar a bela Helena e ela retribuiu-lhe com paixão. E agora vede o louco, o inconstante!

TESEU — E eu devo confessar que já me cansa tamanha discussão. Tenho a cabeça cheia de outros assuntos importantes, como o meu casamento. Egeu, Demétrio, vinde ajudar-me a preparar as festas. Tu, minha linda, faz os impossíveis para cumprires a vontade de teu pai. Ah, querida rainha, vós que tendes? Esta terrível cena incomodou-vos. Vós os dois, caminha à minha frente. Depois conversaremos se houver tempo.

Saem todos excepto HÉRMIA e LISANDRO.

LISANDRO — Ah, que pálida estás, amada minha.

HÉRMIA — Ah, que desgraça foi, amado meu, na cruel lei de Atenas ter nascido.

LISANDRO — E, contra a lei, o Duque nada pode.

HÉRMIA — Ainda que o quisesse?

LISANDRO — Ainda assim.
A lei é lei. Não poderá mudá-la
o governante. A cargo tem apenas
zelar para que a cumpra toda a gente.

HÉRMIA — Paciência, então. Aceito a minha pena.
Que à morte ou ao convento me condenem.

LISANDRO — Não, Hércia, espera. Há uma esperança ainda.
Tenho uma querida tia, que é viúva
e que nunca foi mãe. É como um filho
que ela me vê e ama. A sua casa
fica já para além deste ducado.
A lei de Atenas não se exerce ali.
Terás coragem para lá ires comigo?
Nada haverá que impeça o casamento.

HÉRMIA — Meu Lisandro, nem penso em hesitar.

LISANDRO — Ouve-me então. Recordas-te do bosque
onde uma vez tu com Helena foste
colher as flores de Maio?

HÉRMIA — E onde, Lisandro,
tu passavas também e nos achaste?

LISANDRO — Pois aí mesmo deverás ir ter
a coberto da noite. Não tens medo?

HÉRMIA — Juro que não. Estarás à minha espera?

LISANDRO — Sem falta, lá estarei. Depois iremos